



**A DEZUMANIZAÇÃO NAZISTA:  
os processos de violência descritos por Elie Wiesel**  
*THE NAZISM DEHUMANIZATION:  
the violence process described by Elie Wiesel*

Gustavo Reis GONÇALVES<sup>1</sup>  

Ana Lilia Carvalho ROCHA<sup>2</sup>  

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva a reflexão acerca da desumanização descrita em testemunhos de sobreviventes do regime nazista, e nos processos utilizados por este regime para desumanizar os judeus, tendo o seu início com os guetos e terminando com os campos de concentração. Este estudo é de cunho bibliográfico e tem como foco a descrição dos processos de desumanização que são feitas por sobreviventes, em especial a descrição de Elie Wiesel, e também a descrição que são feitas por estudiosos da área em questão. Esta pesquisa tem alguns autores que serviram de suporte teórico, tal como Rego (2014), Arendt (2012), Agamben (2002), Bauman (1998), Afonso (2017), Rocha (2018) e Fédida apud TESHAINER (2011) que refletem o tema da desumanização, desumanização nazista e seus processos. A pesquisa é qualitativa e visa discutir sobre como os processos de desumanização se aplicaram dentro do contexto do século XX e com foco na desumanização nazista que é descrita por Elie Wiesel. Nessa discussão poderemos perceber como o Regime nazista se utilizou desses processos para desumanizar os judeus durante o regime autoritário alemão (Terceiro Reich) que durou de 1933 a 1945 e é considerada uma catástrofe histórica de grandes dimensões que ainda hoje é possível encontrar novas descrições dessa barbárie.

**PALAVRAS-CHAVE:** Testemunho. Desumanização. Nazismo. Regime autoritário

**ABSTRACT:** *This work aims to reflect about the dehumanization described in survivor's testimonies of nazism and the process used by regime to dehumanize the Jews that process began in the ghetto and ended in the concentration camp. It is bibliographical research, and the focus is the steps of the dehumanization process by survivors, especially, in Wiesel's description. Also, the description by scholars of the area. To support this work, it approaches some authors as Rego (2014), Arendt (2012), Agamben (2002), Bauman (1998), Afonso (2017), Rocha (2018), and Fédida apud TESHAINER (2011), these authors have been reflecting about dehumanization, humanization, and the process of them. This is qualitative research and aims to reflect about the dehumanization process that was used in the twenty centuries, focusing on the nazism dehumanization description by Elie Wiesel. In that discussion we could perceive how the nazism uses that process to dehumanize Jews during the Third Reich (1933-1945), and this regime is considered a bigger historical catastrophe with new descriptions nowadays.*

**KEYWORDS:** *Literature. Landscape. Dictatorship. Federico Garcia Lorca. Resistance poetry.*

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará. E-mail: [greis9660@gmail.com](mailto:greis9660@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará. Professora Adjunta do curso de Licenciatura em Letras - habilitação em Língua Inglesa da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Programa de Pós Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia-PPLSA-UFPA. E-mail: [liliateacher@gmail.com](mailto:liliateacher@gmail.com)

## Introdução

A desumanização é um conceito utilizado na história em diversos momentos diferentes. Entretanto, quando se trata do século XX, esse conceito passa a ser usado e a ter seu sentido modificado perante os acontecimentos históricos. O principal ponto de mudança do conceito em questão se deu na Alemanha nazista, no período conhecido como terceiro *Reich*, que é considerado por estudiosos como uma das maiores catástrofes históricas já documentadas.

As reflexões apresentadas neste trabalho têm como ponto de partida os argumentos acerca da resistência. Essas foram feitas no projeto de pesquisa Configurações de Resistência em Narrativas Anglófonas Contemporâneas (CRENAC) no qual os principais objetivos eram apresentação, discussão e reflexão de temas relacionados à resistência em narrativas de língua inglesa.

Nesse sentido temos as perguntas que norteiam a pesquisa aqui apresentada. Como entender a desumanização? Como esta ocorreu durante o período do terceiro *Reich*?

Para melhor entender e ajudar a responder estas perguntas, a pesquisa contou com as reflexões de autores como Rego (2014), Arendt (2012), Agamben (2002), Bauman (1998), Afonso (2017), Rocha (2018), Fédida *apud* Teshainer (2011), e alguns outros. Esta pesquisa é de cunho qualitativo por se tratar de uma reflexão do conceito de desumanização e de seu processo durante o século XX. A pesquisa se utiliza do método dedutivo para a análise da obra em questão e os meios metodológicos se baseiam nas reflexões de Hoepfl (1997, *apud* GOLAFSHANI, 2003) e Marconi and Lakatos (2003).

Este trabalho irá analisar o testemunho escrito por Elie Wiesel, no qual o autor descreve as situações por ele vividas durante seu período nos campos de concentração nazistas. A narrativa aqui analisada está em língua inglesa e se chama “Night”, em português “Noite”, e se trata de um testemunho que remonta às experiências vividas por Wiesel quando tinha dezesseis anos.

Aqui se apresentará uma parte de um trabalho de conclusão de curso, escrito em língua inglesa, que expõe resultados de reflexões acerca do tema abordado. Objetiva-se a discussão da comunidade científica sobre o tema proposto, para uma análise de maneira mais ampla sobre as narrativas testemunhais escritas por sobreviventes dos campos de concentração. Contudo, antes dos resultados, para melhor entendê-los, iremos discorrer e refletir sobre o processo de desumanização.

## O conceito de desumanização

A desumanização se trata de um processo relacionado a regimes autoritários, em que no final a vítima tem sua vida retirada. Estas vítimas, antes pessoas comuns da sociedade, são bestificadas e transformadas em “animais” antes de terem suas vidas retiradas de modo violento.

Segundo Rego (2014), a desumanização se trata de um processo político, no qual as questões de humanidade e não humanidade estão diretamente ligadas ao poder de julgamento que o estado tem sobre os corpos e as vidas de seus cidadãos. Na maior parte do tempo, esse processo de desumanizar está ligado a questões ideológicas de um regime autoritário, em que há a utilização de espaços concentracionários e se decide quem deve ou não viver.

Ainda se tratando do processo político, Agamben (2002) nos fala que a desumanização pode ser vista ainda atualmente, principalmente no fato do biopoder tratar de acordos de vida. Neste caso os conceitos ideológicos são utilizados para definição de vida qualificada ou não.

Nesses contextos políticos conseguimos perceber esse processo de desumanização. Onde surge o questionamento do que é de fato a desumanização? Esse processo tem como objetivo despojar a vítima e, após isso, eliminá-la. A desumanização

consiste em desqualificar, por meio da linguagem, esse olhar do outro, tornando todo diferente inexistente como humano, como uma vida matável, sacrificável, que não tem nenhuma humanidade. Impossibilitando, assim, qualquer capacidade de identificação. (Fédida apud TESHAINER, 2011, p. 126)

A pessoa que passa por um processo de desumanização não é identificável, pois todas as coisas que podem ser usadas para identificá-las como seres humanos são tiradas de maneira violenta e sem reversão neste contexto. Essas definições do que pode ou não ser considerado humano, tratase de contratos sociais feitos de maneira arbitrária pelos regimes autoritários e a sociedade. Para que esse contrato social ocorra, esses regimes se utilizam do poder do discurso e da propaganda para ascender ao poder através da polarização das massas.

Segundo Rego (2014), essa estratégia é utilizada como um modo de espalhar as ideias e a visão ideológica que o regime pretende seguir, neste caso o nazismo, a segregação de um grupo específico. Para melhor entender isso, temos que levar em consideração as reflexões de biopolítica, nas quais, na visão de Agamben (2002), nos regimes totalitários a vida é um fator político, ou seja, todos os direitos e deveres de um indivíduo são de controle do estado.

A polarização das massas e da vida é necessária nos regimes em questão, pois é através dessa polarização que estes poderão decidir quem pode ser considerado inimigo das ideologias pregadas.

Existem dois termos que são de origem grega que definem o conceito de vida, inicialmente usados como um fator religioso, e que definem como a vida deve ser vista no conceito de política. São estes *biós* e *zoè*, que respectivamente querem dizer vida com direitos e vida nua, sem direitos políticos (AGAMBEN, 2002).

Agamben (2002) também nos fala que a biopolítica está ligada diretamente as questões de eugenia, a “herança de pureza genética”. Esta visão de hereditariedade é, para Arendt (2012), um meio de dominação através do discurso de regimes autoritários, e esta visão foi amplamente usada durante o regime nazista, para justificar o envio de pessoas aos campos de extermínio.

Mas ainda nas discussões sobre a retirada da humanidade, é possível retirar a humanidade de alguém? Em se tratando de meios existencialistas, isso não é possível, mas com a utilização de discursos onde se segrega um grupo,

Sob uma perspectiva discursiva, ou seja, daquilo que se diz sobre o “ser” a ser “desumanizado”, é possível entrever possibilidades de desumanização. Em outras palavras, aquilo que é dito sobre um ser pode ser uma fala que explicita que o ser do qual se fala é inicialmente um ser humano ou “próximo” ao humano – um “sub” ou “quase” humano talvez. (REGO, 2014, p. 49)

Podemos então perceber que o discurso tem grande poder no que diz respeito à possibilidade de desumanizar alguém ou um grupo. Também podemos perceber como os regimes autoritários se utilizam do discurso para a disseminação de ideias. A ideologia dos regimes autoritários geralmente se utiliza da estratégia de segregação para desumanizar um grupo. Segundo Rego (2014) pôr em dúvida a humanidade e seu conceito é uma estratégia discursiva.

Outro importante ponto para a disseminação desse discurso é a propaganda, um importante aspecto que é extremamente organizado no que diz respeito à eficácia. Foi através da propaganda que o nazismo conseguiu ascender ao poder na Alemanha do pós-guerra. Para espalhar a visão antissemita, o nazismo se utilizou da propaganda com o incentivo do ultra nacionalismo para justificar a violência contra os judeus (ARENDR, 2012).

Em uma outra reflexão, podemos também considerar a desumanização como um ato relativo por depender do ponto de vista, pois quem inflige a violência através do poder, vê a vítima como um não-humano. A vítima, por sua vez, também vê seu perpetrador como não-humano. Segundo Rego (2014), aqueles que acreditam no discurso do regime são utilizados como uma máquina desse para infligir a violência contra os corpos dos considerados inimigos.

Este poder de dominação nazista, que se utilizou do discurso e da propaganda, pode ser percebido de maneira clara nos campos de concentração. Estes espaços eram laboratórios do regime, onde se infligiam os corpos com extrema violência.

Os campos de concentração e de extermínio dos regimes totalitários servem como laboratórios onde se demonstra a crença fundamental do totalitarismo de que tudo é possível. [...] Os campos destinam-se não apenas a exterminar pessoas e degradar seres humanos, mas também servem à chocante experiência da eliminação, em condições cientificamente controladas, da própria espontaneidade como expressão da conduta humana, e da transformação da personalidade humana numa simples coisa... (ARENDDT, 2012, p. 372)

O nazismo usou os campos de concentração não somente para o extermínio, mas também para mudar os corpos e a mente dos prisioneiros. Esses espaços eram espelhos da capacidade de utilização do poder de modo violento, é perceptível a influência desses espaços na sociedade em geral, quando esta concorda com os ideais eugênicos do regime.

Além do que já foi dito, temos que olhar também para o processo de despojamento. É ele quem começa o processo de desumanização, com a retirada de diversos aspectos de vida das vítimas, como os seus direitos.

Dito de outro modo, o próprio ato de desumanizar, isto é, de considerar/atribuir a humanidade a um ser para depois desqualificar essa humanidade atribuída com discursos específicos ou práticas que impedem o “humanizar-se” do ser humano por meio de um tratamento vil, constitui atividade propriamente humana. [...] Os discursos de desumanização, portanto, à revelia da realidade daqueles(as) sobre quem são emitidos tais discursos, apresentam-se como falas que despojam aquilo a que dantes se atribuía (ou do qual se duvidava de) uma humanidade por meio da identificação de tais seres com outras coisas não humanas. Percebe-se, assim, uma “vontade de verdade”, por parte do/a opressor/a em todo discurso e toda prática de desumanização. (REGO, 2014, p. 52)

Em outras palavras, é necessária a humanização antes da desumanização. Deste modo a ação do discurso é parte importante no processo de ascensão dos regimes autoritários. As reflexões deste tema relacionado a uma das maiores catástrofes histórias do século XX, têm detalhes muito específicos deste evento que será discutido a frente.

## **Desumanização nazista**

Como mencionado, durante o terceiro *Reich* o conceito de desumanização foi mudado principalmente no que se diz respeito às práticas de violência. O principal foco do discurso de

desumanização nazista era a segregação de um grupo muito específico, os judeus, para que tornasse mais fácil o plano de “solução final”.

Segundo Sayão (2010, p. 9-10, apud Rego, 2014, p. 43), as questões de humanidade e não humanidade serviram de justificativa para diversos genocídios, e durante o regime nazista isso não foi diferente. Essa dúvida sobre humanidade no regime nazista, teve como foco a disseminação da ideia de que os judeus precisavam ser exterminados por se tratar de uma “raça inferior”.

O antigo conceito de desumanização mudou no século XX através das práticas nazistas. Segundo Rego (2014), o regime nazista se utilizou do antigo conceito de desumanização para ascender ao poder e depois o ligou diretamente com a violência extrema para com os corpos de suas vítimas. Arendt (2012) diz que a propaganda foi usada de forma massiva com o intuito de tornar a violência contra os judeus algo obrigatório.

Em outras palavras, o discurso era necessário para justificar a violência, para assim se utilizar da desumanização com justificativas rasas, porém muito disseminadas. O século XX é considerado por estudiosos o século das catástrofes, e nele está a *Shoah*<sup>3</sup>, no qual os corpos eram transformados em objetos. Bauman tentou entender as justificativas nazistas e escreveu:

Antes que o poder burocraticamente organizado possa contar com a cooperação da própria categoria a ser destruída ou ferida, essa categoria deve ser ‘selada’: removida fisicamente do contexto da vida e preocupações diárias de outros grupos ou separada psicologicamente por definições abertas e inequivocamente discriminatórias e por uma ênfase na sua singularidade. (BAUMAN, 1998, p. 148/149 apud REGO, 2014, p. 116).

Nesta tentativa de entender as justificativas, podemos perceber como o regime nazista agiu de modo arbitrário, com o intuito único de exterminar os judeus da sociedade alemã, retirando seus direitos, os mandando para os *ghettos*<sup>4</sup> e, por fim, aos campos de concentração, para serem exterminados.

Os passos da desumanização nazista são diferentes e na sua maioria têm o intuito de infligir violência aos corpos das vítimas. São estes: a substituição de desejos por necessidades, a perda de identidades, a impossibilidade de comunicação e o Muçulmano.

O primeiro passo citado, a substituição de desejos por necessidades, segundo Afonso (2017) já começava nas viagens de transferência para os campos de concentração, onde a única coisa viável era o instinto de sobrevivência. Os prisioneiros apenas queriam comer e aliviar sua sede.

<sup>3</sup> *Shoah* é um termo em Iídiche, para descrever o holocausto. Pois o termo holocausto pode ser interpretado como antissemita pelos judeus. De acordo com Agamben (2008).

<sup>4</sup> Eram partes isoladas e controladas das cidades durante o regime nazista, essas áreas eram destinadas a isolar a comunidade Judaica.

Afonso (2017) nos fala que os prisioneiros que tentavam fugir nessas viagens, eram mortos por tiros pelos SS, e quem sobrevivia à viagem era enviado para o trabalho forçado nas fábricas dos campos de concentração. Trabalhar nas fábricas era um meio de se manter vivo por mais um dia.

E os prisioneiros deveriam estar cientes de sua situação e se adaptar a ela desde o princípio, pois a sobrevivência no campo dependia da adaptação ao sistema que os escravizava e aqueles que melhor se adaptavam tinham mais possibilidades de continuarem vivos, ao menos um pouco mais de tempo. (AFONSO, 2017, p. 74)

Essa adaptação era necessária para se manterem vivos o máximo de tempo possível. Além disso, temos que lembrar que os prisioneiros viviam em constante estado de medo. O trabalho nas fábricas era forçado por horas durante o dia e noite, e os que se opunham a isso eram punidos. Dentro dos campos temos o segundo passo da desumanização nazista: a impossibilidade de comunicação.

Essa impossibilidade, segundo Afonso (2017) era bastante comum, o que tornava muito difícil a comunicação entre os prisioneiros, visto que havia pessoas de diferentes nacionalidades e idiomas. Essa estratégia era utilizada para controle e organização dos campos de concentração, evitando que os prisioneiros pudessem organizar motins. A impossibilidade de comunicação também causava violência, pois as ordens eram dadas em Alemão e os prisioneiros não entendiam o que era dito, e então eram punidos.

Outro passo desta desumanização nazista é a perda de identidades, nos campos os prisioneiros eram transformados em “coisas”, vistas como iguais. Segundo Afonso (2017), um dos meios de torná-los iguais foi marcando-os como animais, por meio de tatuagens numéricas.

Nos campos de concentração, os prisioneiros entravam em um declínio físico e mental, de modo que não podiam mais ser identificados como seres humanos. “Os prisioneiros estavam transformados em bonecos, miseráveis, fantasmas que não se reconheciam, porque, a cada dia, ficavam mais disformes, mais sem vida” (MEDEIROS, 2009, p. 101 apud Afonso, 2017, p. 68). Ou seja, eles não tinham mais condições de serem identificados, eram apenas corpos sem vida.

O último passo está no extremo da desumanização, é o corpo sem vida, que segundo os estudiosos está na condição final. Isto é, a desumanização no máximo de sua crueldade. Quando os prisioneiros atingem o máximo dessa desumanização, eles atingem o mais profundo contexto da situação limite. Impossibilitados física e mentalmente, o fim seria morte. No campo de concentração estes eram chamados de Muçulmanos.

Esse termo gera discussões entre os estudiosos. Segundo Agamben (2008), essa palavra árabe pode significar, em sua raiz, a pessoa submissa a Deus. De modo mais específico, o costume de oração, em que as pessoas se curvam até o chão para fazerem suas preces.

A desumanização leva as pessoas à morte, mas a figura do muçulmano é a morte em vida, o espelho da violência nos campos de concentração. O termo “muçulmano” não tem relação direta com a origem da palavra, mas se trata da vítima que não tem mais condição de sobreviver e está no mais profundo do campo de concentração.

O muçulmano não causava pena a ninguém, nem podia contar com a simpatia de alguém. Os companheiros de prisão, que temiam continuamente pela própria vida, nem sequer se dignavam de lhe lançar um olhar. Para os prisioneiros que colaboravam, os muçulmanos eram fonte de raiva e preocupação; para os SS eram apenas inútil imundície. (Ryn and Klodzinski, 1987 apud AGAMBEN, 2008, p. 51)

Estes prisioneiros não eram mais importantes para o regime, não podiam trabalhar mais nas fábricas, logo era mais viável o extermínio. Por conta do medo de punição, os demais prisioneiros não ajudavam uns aos outros. De acordo com Ryn and Klodzinski (1987), estes não conseguiram se adaptar à realidade do campo de concentração.

Agamben (2008) nos fala sobre “situação limite”, em que a violência atingia o máximo de seu poder. Para ele, Auschwitz era a maior demonstração de poder do nazismo, os testemunhos que lá nasceram descrevem de fato a figura do muçulmano e a sua condição de cadáveres ambulantes. Auschwitz era a maior demonstração de retirada de humanidade.

A situação de degradação de homens e, principalmente, de mulheres, crianças e velhos no complexo de Auschwitz era tão cruel que parecia irreal: no campo não havia mais seres humanos, mas animais domesticados, sem vontade própria, que tinham que trabalhar à força, humilhar-se por restos de pão e água e, até mesmo, matar. (MEDEIROS, 2009, p. 99)

A degradação humana dentro dos campos de concentração, como já foi discutido, começa como um fator político e a disseminação de uma ideologia. Agamben (2008) destaca que a seleção era o momento em que as vítimas chegavam ao fim da atrocidade de Auschwitz.

No que se trata da desumanização no horizonte da modernidade, temos a sua raiz dentro das definições estabelecidas durante a *Shoah*. Entretanto, a relação de violência e controle dos corpos passa a ser tratada de maneira pacificadora, onde os regimes se valem de um esquecimento dos conceitos de violência (BAUMAN, 1998).

A ênfase no que se diz respeito a modernidade e suas formas de desumanizar, estão diretamente ligadas a uma nova visão de ver a vida em um contexto burocrático. Mas essa ausência de violência, não quer dizer que esta não venha a ocorrer de maneira velada no contexto social. Bauman nos diz que

O desaparecimento da violência do horizonte da vida diária é assim mais uma manifestação das tendências centralizadoras e monopolizadoras do poder moderno; a

violência está ausente da relação interpessoal porque é agora controlada por forças definitivamente fora do alcance individual. Mas as forças não estão fora do alcance de todo mundo. [...] A pacificação da vida cotidiana significa ao mesmo tempo a sua falta de defesa. (BAUMAN, 1998. p. 90)

Em outras palavras, a visão moderna de um ambiente pacífico, também está ligada a um meio em que não é possível perceber um espaço de segurança. Gerando assim inúmeras instabilidades cotidianas referentes às diversas situações vividas no dia a dia.

Os testemunhos deste lugar nos mostram como as pessoas viviam e eram tratadas neste caminho de desumanização e servem também como um lembrete das atrocidades que podem se repetir caso façamos pouco caso do passado. Para a melhor entendermos como essa desumanização se apresenta, iremos analisar o testemunho escrito por Elie Wiesel.

### **A descrição de Wiesel**

Neste tópico vamos analisar o tema da resistência e a obra em questão para refletir sobre como a desumanização é apresentada. Segundo Hoepfl (1997, apud GOLAFSHANI, 2003) a pesquisa qualitativa não generaliza seus resultados, mas usa as reflexões para compreender as discussões em situações similares. Nesse sentido vamos discutir, analisar e organizar a apresentação da desumanização.

Esta pesquisa também se utiliza do método dedutivo para demonstrar os aspectos da desumanização presentes no testemunho em questão e levantar hipóteses abertas a discussões. Marconi e Lakatos (2003) dizem que com este método podemos formular hipóteses a serem discutidas pela comunidade científica.

A narrativa em questão foi escrita por Elie Wiesel, nascido no ano de 1928, em Sighet, na atual Romênia. Wiesel e sua família foram enviados para o campo de concentração quando ele tinha dezesseis anos, do qual apenas ele sobreviveu. Após a libertação, estudou em Sorbonne, Paris, e trabalhou como jornalista e professor de cultura judaica na Universidade de Nova Iorque, além de ter sido professor de literatura e memória na Universidade de Humanidades de Boston. Escreveu diversos livros relacionados a *Shoah* e, em 1986, ganhou o Prêmio Nobel da Paz. Morreu em 2 de julho de 2016.

O seu livro mais famoso foi publicado em 1958 em ídiche e francês. Depois foi adaptado para a Língua Inglesa, sendo intitulado “*Night*”, em português “A noite”. Nesse livro, o autor narra

suas experiências no campo de concentração, e seu testemunho será usado para analisarmos a desumanização no contexto dos campos de concentração.

A literatura de resistência é comumente usada para descrever a história usando diferentes contextos reais, aqueles relacionados a pessoas que não têm voz na história oficial. Segundo Bosi (1996), a literatura está diretamente ligada à história, aos fatos da vida do escritor ou aos personagens que vivem situações específicas relacionadas a fatos históricos. Os estudos de resistência são baseados na história, e nas obras de resistência podemos perceber essa relação.

Os testemunhos são documentos e têm importância jurídica. Seligmann-Silva (2008) afirma que esses textos precisam ser observados em dois momentos distintos: o momento em que foi escrito e o presente. Ou seja, precisamos refletir sobre eles no tempo histórico, este é o presente. O trauma é uma memória cruel do passado, mas está presente durante a vida dos sobreviventes. O testemunho é uma peça da literatura discutida em estudos de literatura de resistência. Essa discussão é apoiada por De Marco (2004) e Seligmann-Silva (2008). Os autores têm dividido o testemunho em duas grandes categorias: *Shoah e Testimonio*<sup>5</sup>. A primeira está relacionada com a Segunda Guerra, e a segunda, com testemunhos latino-americanos.

Testemunho é um grande gênero e está relacionado com a pessoa que testemunha. Quem testemunha não está contando sua biografia, mas um acontecimento marcante em sua vida. Os estudiosos dizem que

O testemunho é diferente da biografia porque, enquanto esta escolhe contar uma vida por seu interesse de caráter individual e singular, aquele reconstitui a história de um ou mais sujeitos escolhidos pela relevância que eles possam ter num determinado contexto social. (DE MARCO, 2004. p. 50)

Isso está relacionado a uma situação real vivida pela testemunha. A situação real é descrita reconstruindo alguns detalhes da situação limite, e o testemunho pode ser percebido e utilizado em diferentes campos de estudo.

Desse modo, a descrição de Wiesel sobre a desumanização vivida por ele, é percebida em diferentes momentos de seu depoimento. Além disso, este trabalho irá apresentar as características de desumanização mostradas anteriormente: a substituição de desejos por necessidades, a perda de identidades, a impossibilidade de comunicação e o Muçulmano.

A substituição de desejos por necessidades começava durante a viagem para campos de concentração, o autor descreve algumas situações vividas por ele nos vagões. As pessoas

<sup>5</sup> É um termo espanhol de testemunhos na América Latina. Segundo Seligmann-Silva (2002) a maior parte desses depoimentos está relacionada a ditaduras, exploração econômica, repressão a minorias, mulheres e homossexuais.

desrespeitavam as regras estabelecidas pela convenção social. Afonso (2017) diz que com o medo e a dúvida, esses prisioneiros faziam coisas que em condições normais não fariam.

Sem restrições do dia a dia, alguns jovens perdiam suas inibições, na escuridão dos vagões se acariciavam, sem pensar nos demais, sozinhos no mundo. Alguns fingem não notar, ainda havia alguma comida. Mas nunca comíamos até satisfazer a nossa fome. No início economizávamos para o dia seguinte. Pois o amanhã podia ser pior.<sup>6</sup> (WIESEL, 2006. p. 23)

Nesse trecho é possível perceber a descrição de uma situação de fome, uma viagem sem comida ou água e a única comida que tinham era a que haviam trazido escondida nas roupas, que seriam retiradas pelos soldados no campo. Segundo Rocha (2018), a estratégia de tirar objetos da vítima tem o objetivo de desqualificar a humanidade e classificá-los como alguém considerado inferior da sociedade.

Segundo Afonso (2017), as pessoas perdem os seus desejos e apenas as necessidades passam a ser importantes, de modo a não se importarem como as coisas aconteciam, era importante apenas sobreviver. Às vezes, matavam para comer, sem pensar no que é certo ou errado.

Outro se jogou em cima dele. O velho murmurou algo, gemeu e morreu. Ninguém se importava. Seu filho começou a revistá-lo, pegou um pedaço de pão e começou a devorá-lo. Mas ele não comeu demais. Dois outros homens estavam observando, pularam sobre ele e outros adotaram a atitude. Quando eles o deixaram, haviam dois cadáveres ao meu lado, o pai e o filho. Eu tinha dezesseis anos. (WIESEL, 2006. P. 101 - 102)<sup>7</sup>

Nesse momento é possível perceber como acontece a violência entre as pessoas no trem. O instinto de sobrevivência se assemelha ao dos animais. O objetivo principal é sobreviver, mesmo que para isso seja necessário matar. Essa é a cena descrita pelo autor, um jovem que na descrição final relembra o quão jovem era.

Conforme mencionado anteriormente, a perda de identidades é outra característica da desumanização. Segundo Rocha (2018), a vítima tem uma experiência de despojamento, os objetos dessas pessoas são levados embora. Na narrativa de Wiesel é possível perceber o processo de perda de identidades, “Nossas roupas estavam no chão do grande barracão. Lá havia uma pilha de roupas,

<sup>6</sup> Traduzido do original: “Freed of normal constraints, some of young let go of their inhibitions and, under cover of darkness, caressed one another, without any thought of others, alone in the world. The others pretended not to notice. There was still some food left. But we never ate enough to satisfy our hunger. Our principle was to economize, to save for tomorrow. Tomorrow could be worse yet.” (WIESEL, 2006. p. 23)

<sup>7</sup> Traduzido do original: “But the other threw himself on him. The old man mumbled something, groaned, and died. Nobody cared. His son searched him, took the crust of bread, and began to devour it. He didn’t get far. Two men had been watching him. They jumped him. Others joined in. When they withdrew, there were two dead bodies next to me, the father, and the son. I was sixteen.” (WIESEL, 2006. P. 101 - 102)

ternos novos e velhos, sobretudos e trapos. Aquilo significava igualdade: nudez. Estávamos tremendo de frio”<sup>8</sup> (WIESEL, 2006. p. 35) O autor descreve a primeira situação de despojamento em um campo de concentração, o nazismo se utilizava deste meio para transformar as vítimas em iguais, para que não pudessem ser vistas com alguma diferença.

Outra situação em que a vítima tem sua identidade ignorada ocorre no dia a dia do campo de concentração. Segundo Afonso (2017), as estratégias utilizadas no nazismo para desumanizar as pessoas consistiam em tratá-las como não humanas, sem a possibilidade de serem vistas como tal. “Rápido, seus vagabundos, seus cães cheios de pulgas!”<sup>9</sup> (WIESEL, 2006.p. 85). O insulto era usado pelos SS<sup>10</sup> como estratégia para lembrar que eles não deveriam ser considerados humanos. Além disso, esse tipo de tratamento fazia com que as vítimas duvidassem de sua humanidade.

Outra característica da desumanização era a impossibilidade de comunicação. Afonso (2017) diz que no campo tinham pessoas de várias nacionalidades, o que dificultava a comunicação entre eles. Os presos viviam em silêncio na maior parte do tempo. “Na fábrica, eu trabalhava ao lado de uma jovem. Nós não falávamos: ela não sabia alemão e eu não sabia francês”<sup>11</sup> (WIESEL, 2006.p. 52). O regime retira um importante meio para viver em sociedade: o ato de se comunicar. Isso era usado para ter o controle e organizar os presos. Nesta situação, os presos não podiam planejar uma fuga, porque não conseguiam se comunicar.

A realidade do campo destrói o corpo do prisioneiro, a violência é a última etapa da desumanização. A imagem final da desumanização é uma pessoa violentada, esta não tem identidade.

O corpo torturado reflete o extremo da desumanização, dado que a prática dessa atrocidade nega ao adversário seu pertencimento à humanidade. Desta forma a desumanização atinge seu ápice nos contextos de massacres quando os corpos que combatem desfiguram os corpos dos adversários. Transformam-no em animais abatidos quando crucificam-no, penduram-no ou quando ele é eviscerado. (Rocha, 2018. p. 76)

Segundo Medeiros (2009. *apud* Afonso, 2017), transformar em coisas os corpos dos prisioneiros, era uma coisa comum no campo de concentração, eles perdiam suas identidades, sem ela esses prisioneiros eram apenas “coisas” ou cadáveres. Como “coisas”, eram explorados para

<sup>8</sup> Traduzido do original: “Our clothes were to be throw on the floor at the back of the barrack. There was a pile there already. New suits, old ones, torn overcoats, rags. For us it meant true equality: nakedness. We trembled in the cold.” (WIESEL, 2006. p. 35).

<sup>9</sup> Traduzido do original: “Faster, you tramps, you flea-ridden dogs!” (WIESEL, 2006.p. 85)

<sup>10</sup> Schutzstaffel (conhecido pela sigla **SS**) é um termo alemão, que se refere aos soldados do regime Nazista.

<sup>11</sup> Traduzido do original: “In the warehouse, I often worked next to a young woman. We did not speak she did not know German and I did not understand French” (WIESEL, 2006.p.52).

trabalhos forçados e o regime não se importava com elas, mas existiam outras condições de desumanização.

Uma palavra começou a circular entre nós: seleção. Nós sabíamos o que significava. Os SS iriam nos examinar. Se encontrassem alguém que estivesse muito frágil - um “muçulmano” como chamávamos essas pessoas sem vida - eles iriam escrever ao lado do número: bom para o crematório<sup>12</sup>. (WIESEL, 2006. p. 70)

Segundo Ryn e Klodzinski (1987. apud Agamben, 1999), um muçulmano pode ser considerado alguém que não se adaptou à situação limite. Além disso, Agamben (2008) diz que a situação limite do nazismo é representada pelo extremo da violência nesses espaços concentracionários. Elie Wiesel descreve a imagem de seu pai se declinando até a morte em uma boa parte da narrativa.

Para Agamben (2008), o muçulmano está inserido nessa demonstração de poder. A descrição de Wiesel de seu pai e do declínio termina em uma seleção e nos dá uma noção de como esses prisioneiros eram tratados. Elie Wiesel tem uma última lembrança de seu pai respirando devagar e vivo:

Seus lábios estavam tremendo; ele estava murmurando algo. Fiquei mais de uma hora inclinada sobre ele, olhando para ele, observando e guardando seu rosto ensanguentado e quebrado em minha mente. Então eu tive que dormir. Subi no meu beliche, acima do meu pai, que ainda estava vivo. Era 28 de janeiro de 1945. Acordei na madrugada de 29 de janeiro. No nicho de meu pai estava outra pessoa doente. Devem tê-lo levado antes do amanhecer e levado ao crematório. Talvez ele ainda estivesse respirando...<sup>13</sup> (WIESEL, 2006. p. 112)

Agamben (2008) afirma que o muçulmano não pode mais ser considerado humano, eles declinaram até o mais profundo da violência. Eram considerados cadáveres ambulantes. A desumanização no Terceiro *Reich* cria a visão mais cruel sobre a vida nua: a vida pode ser morta.

Segundo Agamben (2008), os testemunhos desse acontecimento apresentam lacunas, algo que não é dito. Para muitos estudiosos, as “verdadeiras testemunhas” são aquelas que não puderam dar seu testemunho, porque sucumbiram ao campo. Quem conta, tem apenas a sua visão, mas o verdadeiro testemunho está perdido.

<sup>12</sup> Traduzido do original: “A terrible word began to circulate soon thereafter: selection. We knew what it meant. An SS would examine us. Whenever he found someone extremely frail—a “Muselman” was what we called those inmates—he would write down his number: good for the crematorium” (WIESEL, 2006.p. 70).

<sup>13</sup> Traduzido do original: “I could see his lips trembling; he was murmuring something. I remained more than an hour leaning over him, looking at him, etching his bloody, broken face into my mind. Then I had to go to sleep. I climbed into my bunk, above my father, who was still alive. The date was January 28, 1945. I woke up at dawn on January 29. On my father's cot there lay another sick person. They must have taken him away before daybreak and taken him to the crematorium. Perhaps he was still breathing...” (WIESEL, 2006. p. 112)

As pessoas que dão testemunho resistem, pois falar sobre isso é um ato de resistência. Além disso, este ato está relacionado com a impossibilidade de contar ou traduzir os fatos vividos por eles. Este silêncio, como diz Laub,

Nessa situação, como em muitas outras, o ato de contar histórias do holocaustos, são sondados pela impossibilidade de fala, logo o silêncio prevalece sobre a verdade comum. Muitos dos sobreviventes entrevistados pelo Arquivo de Vídeo de Yale, foram parte de um longo processo de adaptação para testemunhar, muitos falaram após quarenta anos após os eventos.<sup>14</sup> (FELMAN; LAUB, 1991. p. 79)

Elie Wiesel é um exemplo do depoimento tardio. Temos muitas pessoas que sobreviveram ao campo de concentração e nunca falaram sobre o evento ou falam sobre o assunto próximo da morte. Entretanto, o testemunho, mesmo que tardio, é um meio de resistir e expondo as situações vividas durante a situação limite. Que deve ser visto com atenção para o melhor entendimento das situações vividas por essas pessoas.

## Conclusão

Este trabalho abre uma discussão no campo da resistência para compreender como a desumanização é descrita nas narrativas de sobreviventes dos campos de concentração. As discussões sobre este tema na comunidade científica são importantes para não esquecermos do passado e respeitar essa dura memória de um momento de catástrofe na história da humanidade, bem como para entender a desumanização nazista que retirou identidades usando a violência em corpos humanos, justificando-a com um discurso político e espalhando uma ideologia eugênica.

Nas reflexões de Löwy (2005), acerca das teses de Walter Benjamin, se discute a questão da rememoração, na qual lembrar dos fatos não listados na narrativa oficial é levar em conta as reivindicações das vítimas da história. São um caminho para um melhor entendimento do momento atual e para evitar que outras catástrofes se repitam.

Na narrativa analisada, podemos ver o poder da desumanização nazista descrita por Elie Wiesel e como essa memória o afetou. Além disso, a narrativa aqui apresentada é apenas um testemunho no meio de muitos, que faz parte de uma memória coletiva.

---

<sup>14</sup> Traduzido do original: “In this case as in many others, the imperative to tell the story of the Holocaust is inhabited by the impossibility of telling and, therefore, silence about the commonly truth prevails. Many of the survivors interviewed at the Yale Video Archive realize that they have only begun the long process of witnessing now - forty years after the event.” (LAUB, 1991. p.79)

No Terceiro *Reich* ir para o campo de concentração era a etapa final, de onde não se podia mais fugir. O depoimento dos sobreviventes é uma descrição das vidas perdidas nesses lugares, é uma lembrança de alguém que não pode contar o que viveu. O processo de desumanização pode ser considerado como um processo político, cujo objetivo principal é eliminar aqueles que são considerados inimigos para o regime autoritário.

Atualmente, a desumanização se apresenta ainda com as definições utilizadas no nazismo, porém de maneira menos visível. Segundo Agamben (2002), o principal meio de politizar a vida é com a polarização das massas, para assim instalar uma política de morte.

Por fim, as discussões apresentadas neste trabalho são importantes para dar mais atenção a outras narrativas da *Shoah* e perceber como a desumanização é descrita. Essas discussões podem ser usadas para analisar outras narrativas escritas por sobreviventes dessa situação limite. Refletir sobre o processo de desumanização nos dá um motivo para lutar contra qualquer regime autoritário.

## Referências

AFONSO, Elaine. **A modernidade como violência e horror**: a burocratização e a desumanização da vida em *É isto um homem?*, de Primo Levi / Elaine Afonso. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas -- São José do Rio Preto, 2017. 110 f.

AGAMBEN, Giorgio. **O poder soberano e a vida nua I**/Giorgio Agamben; tradução de Henrique Burigo. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 207. p. (Humanitas).

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo da testemunha (Homo sacer III)/Giorgio Agamben; tradução de Selvino J. Assmann. - São Paulo: Boitempo, 2008. (Estado de sítio).

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: Hannah Arendt; tradução Roberto Raposo. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BOSI, Alfredo. **Narrativa e resistência**. Itinerários, Araraquara, nº 10, 1996.

DE MARCO, Valéria. **A literatura de testemunho e a violência de Estado**. *Lua Nova*, São Paulo, n. 62, p. 45-68, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n62/a04n62.pdf> > DOI: 10.1590/s0102 64452004000200004.

FELMAN, Shoshana; LAUB, Dorie. **Testimony**: literature, psychoanalysis, history. Londres: Routledge, 1991.

GOLAFSHANI, Nahid. **Understanding reliability and validity in Qualitative Research**. The Qualitative Report, vol. 8 (4), 2003. p. 597 - 606. Disponível em: <https://nsuworks.nova.edu/tqr/vol8/iss4/6>.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**/Maria de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed.- São Paulo: Atlas, 2003.

LÖWY, Michael, 1938 -. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história” / Michale Löwy; tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução 4041 das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. - São Paulo: Boitempo. 2005. 160p. : il.

MEDEIROS, Joselaine Brondani. **Murmúrios na escuridão**: a voz quase inaudível do sobrevivente Primo Levi em *É isto um homem?* e *A trégua*/ Joselaine Brondani Medeiros. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da PUCRS. Porto Alegre, p. 220. 2009.

REGO, Pratique Lamounier. **Caminhos da desumanização**: análises e imbricamento conceituais na tradição e na história ocidental/ Pratique Lamounier Rego. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Filosofia da Universidade de Brasília, Brasília, p. 170. 2014.

ROCHA, Ana Lilia Carvalho. **Do corpo torturador ao corpo torturado**: representações da máquina ditatorial na literatura brasileira. / Ana Lilia Carvalho Rocha. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, p. 140. 2018.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol. 20, N.1, p. 65 - 82, 2008.

TESHAINER, Marcus Cesar Ricci. **Desumanização e política** - análise da política contemporânea a partir da aproximação de Agamben com a psicanálise/ Marcus Cesar Ricci Teshainer. Tese (Doutorado) - Doutorado em ciências sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 144. 2011.

WIESEL, Elie. **Night**. New York: Hill and Wang, 2006.

***Como citar este artigo:***

GONÇALVES, Gustavo Reis; ROCHA, Ana Lilia Carvalho. A desumanização nazista: os processos de violência descritos por Elie Wiesel. **Revista Narrares** – V.1, N.1, Jan-Jun, 2023, pp. 31-47.